

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JORNADAS EUROPEIAS DO PATRIMÓNIO

25 de Setembro de 2026

SINFONIA DE CRISTAL / 1947

Realização, Produção: Vítor Raposo *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, preto e branco, 10 minutos – versão incompleta (o material existente corresponde apenas à segunda parte das três partes do filme) *Primeira exibição na Cinemateca:* 9 de Abril de 2015 (“Foco no Arquivo: Projecto Works”).

O FOGO E O AÇO / 1963

Realização e Argumento: António Ruano *Fotografia:* Abel Escoto *Sonoplastia:* Francisco Rebelo *Música:* Yohanan Zarai *Locução:* Henrique Mendes *Laboratórios:* Valentim de Carvalho (som), Ulisseya Film (imagem) *Produção:* Junta de Acção Social (Portugal, 1963) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 13 minutos *Primeira Exibição na Cinemateca:* 14 de Setembro de 2011 (“Abrir os Cofres”).

5 TEMAS PARA REFINARIA & QUARTETO / 1971

Realização, Argumento (não creditado) e *Montagem:* António de Macedo *Música e Execução musical:* Quarteto 1111 *Animação:* António Mateus *Assistente de realização:* Amílcar Lyra *Fotografia:* Elso Roque *Assistente de imagem:* Carlos Alberto Estêvão *Locução:* Rosa Lobato Faria *Produção:* Francisco de Castro (Portugal, 1967) *Patrocínio:* Sacor *Direcção de produção:* Vítor Barbosa *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, cor, 17 minutos *Estreia:* 23 de Janeiro de 1973, nos cinemas S. Jorge e Vox (Prémio da Imprensa e Prémio Paz dos Reis 1971) *Primeira exibição na Cinemateca:* 23 de Julho de 2012 (“O Cinema de António de Macedo”).

Nota: os textos que se seguem são fragmentos retirados das “folhas” das primeiras passagens na Cinemateca de SINFONIA DE CRISTAL, O FOGO E O AÇO e 5 TEMAS PARA REFINARIA & QUARTETO noutros contextos de programação, em conjunto com outros títulos. A “folha” de SETENAVE À VOL D’OISEAU é distribuída em separado.

A cópia, incompleta, que vamos apresentar de SINFONIA DE CRISTAL corresponde ao material existente do filme a esta data: trata-se apenas da segunda de três partes do filme, a que falta também a legenda de “fim” e um trecho inicial da banda sonora.

Se a história do cinema industrial em Portugal é uma história ainda em curso, é consensual a afirmação de que nos anos 1960 esta produção constituiu terreno fértil para uma série de realizadores estreados que assim respondiam à vontade de fazer cinema ocupando-se de encomendas, filmes institucionais, publicitários, que entenderam na exacta medida em que estes vieram ao encontro dos seus impulsos, ou seja, como oportunidade de experimentação. O que desde logo os livrou do espartilho do registo laborioso e comentado que fez escola na década anterior, particularmente prolífera neste tipo de filmes. Foi designadamente o caso de vários protagonistas da geração do Cinema Novo que neste tipo de filmes *praticaram* o seu cinema. Estas produções institucionais ou publicitárias, projectos de encomenda muitos deles organizados em torno dos esforços de produção de Ricardo Malheiro e Francisco de Castro (como em 5 TEMAS PARA REFINARIA & QUARTETO), permitiram aos realizadores liberdade de movimentos funcionando de facto como um terreno de iniciação e experimentação.

O FOGO E O AÇO, produção da Junta de Acção Social, realizado por António Ruano, leva-nos para dentro de uma fábrica, numa explosão de cor que prova (tal como AS PALAVRAS E OS FIOS, de Fernando Lopes, construído sobre cabos eléctricos) como uma unidade siderúrgica e o aço podem ser motivos cinematográficos. Dispensando uma abordagem explicativa (o texto em *off* surge apenas em remate, a banda de som é feita de música e ruídos de fundo), é um filme interessado em captar gestos do trabalho, ocupados por “o fogo” e “o aço”. De resto, as

imagens dos trabalhadores, munidos das suas máscaras, apresentam-nos como protagonistas de um cenário espacial, lunar, que “abre” o filme a uma dimensão extravagante.

No seu caso muito sob o impulso de Francisco de Castro, António de Macedo filmou continuamente nos anos 1960 ensaiando em curtas-metragens documentais o *experimentalismo* que desde o início assumiu como pedra de toque do seu impulso cinematográfico. Foram trabalhos que o fizeram notar, muito especialmente VERÃO COINCIDENTE e NICOTIANA. Entre 1965 (data da sua primeira longa, DOMINGO À TARDE) e 1967 (o ano de 7 BALAS PARA SELMA, a segunda longa), filmou perfis para a série da RTP “O Homem e a Obra” (AFONSO LOPES VIEIRA; FERNÃO MENDES PINTO) e iniciou-se nos filmes industriais com ALTA VELOCIDADE – uma produção António da Cunha Telles, montada a pretexto da indústria automóvel em Portugal onde é clara a postura desabrida com que Macedo encara estes filmes de encomenda. Estes títulos foram apenas os primeiros de uma filmografia assinalável, onde também cabem títulos turísticos e promocionais de que são exemplo ALBUFEIRA, FADO: LISBOA 68 (1968) ou A REVELAÇÃO (1969). De 1971, também produzido por Francisco de Castro, 5 TEMAS PARA REFINARIA & QUARTETO, já posterior à terceira longa de ficção de Macedo, NOJO AOS CÃES (1970), filia-se nesta dimensão do trabalho de Macedo.

Patrocinado pela Sacor, o filme responde concretamente ao propósito de divulgar o desenvolvimento da indústria petrolífera em Portugal, a partir da refinaria da Sacor em Leça da Palmeira. O retrato é feito, em planos gerais, alguns deles aéreos, e a mensagem passa pelo texto em *off* que começa, histórico, por referir dinossauros e a formação do petróleo concluindo, “5 temas mais tarde”, pela “importância crescente” do produto e seus derivados “para o bem-estar da espécie humana”. Apesar da óbvia relevância documental de 5 TEMAS PARA REFINARIA & QUARTETO, apesar ainda do didactismo dos temas em que está estruturado, para além de um prólogo e de um epílogo (“Da terra e do petróleo”, “O petróleo chega à refinaria”, “Fábrica de óleos”, Refinaria: fábrica de combustíveis” e “Movimento e distribuição”), não é, no entanto, a proeza petrolífera do Portugal de 1971 que nos fica na memória depois do visionamento do filme. Macedo compõe-o à semelhança de uma peça musical, dando o protagonismo às imagens, especialmente às cores e aos ângulos, e à música que as acompanha. Filmando uma refinaria, respondendo a uma encomenda patrocinada, não abdica, mais uma vez, de prosseguir um atalho que não se desvincula de um registo e de um estilo próprios e identificáveis.

De 1947, SINFONIA DE CRISTAL, que aqui se apresenta na versão incompleta que existe à data, tira igualmente partido das possibilidades plásticas dos planos, alinhando pelo seu comum acompanhamento discursivo no *off* da banda sonora que segue as imagens, explicitando os processos fabris, mais artesanais ou mais mecanizados, nelas ilustrados.

Maria João Madeira